

EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO SOBRE AS IDENTIDADES: UMA QUESTÃO EM ABERTO

EVANDRO AVELINO PICCINO**

Resumo

Em 1992, Stuart Hall já afirmava, mencionando Wallerstein, que na modernidade convivem duas correntes aparentemente contraditórias: a da globalização e a da tendência à autonomia nacional. Transcorridos quase 15 anos, a realidade parece dar razão a Hall, na medida em que presenciamos movimentos antagônicos como a eleição, em Londres, de um prefeito com as características identidades híbridas de Sadiq Kahn, ao mesmo tempo em que britânicos disseram sim ao Brexit. Diante do desencontro, o que pretendemos, com esse artigo, é colocar em discussão tanto as perspectivas do *pensamento-mundo* preconizado por Achille Mbembe como o da *África transnacional* imaginada por Kwame Anthony Appiah. Para desenvolver a argumentação recorreremos, basicamente, aos conceitos de identidade, comunidade e sociedade de acordo com autores como Benedict Anderson e Ferdinand Tönnies, além de Hall.

Palavras-chave: Identidade; Globalização; Híbridismo.

Introdução

Eu sou londrino, sou europeu, sou britânico, sou inglês, sou de religião islâmica, de origem asiática, de tradição paquistanesa, sou pai e marido.

Assim se apresentou, em entrevista, o recém eleito prefeito de Londres Sadiq Khan, 45 anos, um dos 7 filhos de um imigrante paquistanês, motorista de ônibus. Depois de viver em habitações do governo, se tornar advogado e ministro do governo, Khan alcançou mais de 1,3 milhão de votos na eleição de 6 maio de 2016, um marco inédito na trajetória de um político na história britânica.

Menos de 60 dias depois, 24 de junho, os habitantes do Reino Unido, com a contribuição de 40% dos londrinos, dizem sim ao Brexit.

** Mestrando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

2

Em outubro, os austríacos repetirão o segundo turno da anulada eleição presidencial de 22 de maio, uma nova oportunidade para Norbert Hofer reafirmar seu discurso isolacionista, muito assemelhado ao de Donald Trump que os norte-americanos poderão escolher em novembro para dirigir o país.

Identidade e Globalização

A realidade parece dar razão a Stuart Hall que já em 1992, ano em que publicou a primeira edição de *The question of cultural identity*, já afirmava, mencionando Wallerstein, que que na modernidade convivem duas correntes aparentemente contraditórias: a da globalização e a da tendência à autonomia nacional

O hibridismo identitário expresso em Kahn, ou o nacionalismo insinuado no Brexit e pregado por Hofer e Trump, tenderão a prevalecer?

As respostas nem são simples e nem estão prontas na medida em que o próprio Stuart Hall (2015), entende que “o conceito de identidade é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova”. (HALL, 2015: 9)

O sociólogo polonês Zygmunt Brauman, (2005), no livro *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi* faz colocação parecida ao afirmar que o conceito de identidade é muito contestado e que o consenso parece improvável.

Diante de tamanho desencontro – conceitual e factual – quais seriam as perspectivas do pensamento-mundo preconizado por Achille Mbembe bem como o da África transnacional imaginada por Kwame Anthony Appiah?

Ou, de outro modo, qual será, ou está sendo, o lugar do multifacetado, do diverso, do descentramento, das contra-narrativas, da descontinuidade?

É a questão em aberto que nos propomos a apresentar e problematizar, sem a pretensão, senão impossível, intenção de encontrar ou mesmo sugerir respostas.

Identidade e Globalização – temas comuns a Hall, Mbembe e Appiah – são os eixos temáticos da narrativa.

As noções de pós-modernismo e pós-colonialismo, também poderiam ser usados para ajudar a contextualizar o perfil de Kahn, mas seria frágil o paralelismo entre os três autores, ao menos nos textos que analisamos.

3

Kwane Anthony Appiah (1997), em *O pós-colonial e o pós-moderno*, problematizou e relativizou a ideia de pós-moderno e depois de criticar alguns aspectos do pensamento de Jean-François Lyotard e Fredric Jameson, não parece convencido da plena pertinência da ideia e propõe “neotradicional” como a palavra “quase correta” que fornece a pista fundamental para articular sua argumentação sobre o pós-colonial.

Achille Mbembe (2014) se refere a pós-colonial (e não a pós-modernismo) no seu texto *Nascimento de um pensamento mundo*, enquanto Stuart Hall aceita o conceito – o que é claro já no título do livro *A identidade cultural na pós-modernidade* – mesmo que não o desenvolva. Já a importância e a influência da globalização é ressaltada pelos três autores. Appiah escreve que:

[...] a cultura pós-moderna é a cultura em que operam todos os pós-modernismos, ora em sinergia, ora em competição; uma vez que a cultura contemporânea em certos sentidos que voltarei, é transnacional, a cultura moderna é global – embora isso não signifique, de maneira alguma, que ela seja a cultura de todas as pessoas do mundo. (APPIAH, 1997: 201)

No texto de Mbembe, a globalização – aspecto atual relevante – é apontada como um dos três momentos principais do desenvolvimento do pensamento pós-colonial; os outros dois, pela ordem cronológica, são o período das lutas anticoloniais e o momento que se inicia com a publicação de *Orientalismo* – de Edward Said – que lança as bases daquilo que se fixará como a “teoria pós-colonial”.

Da forma como compreendi, o pensamento-mundo de Achille Mbembe está fundamentado no global, no universal e não no nacional, no particular. Ele afirma que:

[...]a época do tráfico atlântico, das migrações em massa, já se constituía como uma era de grandes experiências planetárias, momento no qual homens “afastados da terra, do sangue e do solo aprendem a imaginar comunidades para lá dos laços de terra, abandonando o aconchego da repetição e inventando novas formas de mobilização e de solidariedades transnacionais”. (MBEMBE, 2014: 71)

Continua o autor: “a crítica pós-colonial também é um pensamento do sonho: o sonho de uma nova forma de humanismo – um humanismo crítico que, acima de tudo, assentaria na partilha daquilo que nos diferencia, aquém dos absolutos. É o sonho de uma polis universal e mestiça”. (MBEMBE, 2014: 71)

4

Stuart Hall declara, de certo modo reforçando Mbembe, que o fenômeno não é recente e hoje, século XXI:

[...] a globalização é um complexo de processos e forças de mudança que, atuantes em uma escala global, atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações espaço tempo, tornado o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado (McGREW, 1992, apud HALL, 2015: 39).

O segundo conceito que, no nosso entender, aproxima os três autores é o da identidade.

As identidades culturais nacionais, de acordo com Hall, têm sido poderosamente deslocadas pelas forças da globalização. E a identidade híbrida de Sadiq Kahn poderia exemplificar, no nosso entender, uma das consequências deste deslocamento: o de declínio das identidades nacionais, que tenderiam a ser enfraquecidas pelos processos globais.

As características elásticas da identidade do novo prefeito de Londres, que vão além das determinadas unicamente pelo espaço nacional inglês, podem ser ligadas com mais de uma passagem do texto de Mbembe.

Além de possivelmente representar um sujeito do sonho de uma polis universal e mestiça, Sadiq Kahn poderia se enquadrar em uma das especificidades da crítica pós-colonial que sublinha a característica de que a “identidade nasce da multiplicidade e da dispersão; que o retorno a si mesmo só é possível no entremeio, no interstício entre a demarcação e a desmarcação, na co-constituição”. (MBEMBE, 2014: 69)

Ainda de acordo com Achille Mbembe : “o pensamento pós-colonial não é um pensamento anti-europeu. Pelo contrário, ele nasce do cruzamento entre a Europa e os mundos que outrora fizeram parte de seus territórios longínquos”. (MBEMBE, 2014: 72)

Na pluralidade da identidade de Sadiq Kahn está presente a Europa, mas não só ela. Estão também as tradições do Paquistão, que até outro dia compunha o *mundo inglês*; a religião islâmica; suas atribuições como pai e marido. Uma identidade descentrada, não-hierarquizada, desmarcada, cruzada, co-constituída.

O hibridismo, seria, para Stuart Hall, uma outra possível consequência da globalização que pode implicar na fragmentação e diluição das identidades nacionais, como resultado da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”.

5

Sem citar Hall, nem associar com o pós-modernismo, pelo contrário, Antony Appiah parece concordar com a ideia de que seria possível uma construção de identidade – especificamente a africana – descomprometida com a ideia de nacionalidade.

Tendo como referência obras de romancistas pós-coloniais da África, Appiah escreve:

[...] se havermos de nos identificar com alguém, in fine, seria com 'la négraille' – a negrada que não tem nacionalidade. Para esse fim, uma república é tão boa – o equivalente a dizer tão ruim – quanto qualquer outra”.

[...] se postular a si mesmo com africano – e nem desta ou daquela etnicidade supostamente pré-colonial nem dos novos Estados nacionais – está implícito em livros de romancistas como Yambo Ouloguem e Y.Y. Mudimbe. (APPIAH 1997: 213)

A África transnacional de Appiah, ao atenuar o peso das identidades nacionais, parece se aproximar do universalismo de Mbembe, assim como guarda relação com sua visão humanística. Appiah reitera que a preocupação em evitar a crueldade e a dor, presente nas narrativas de escritores africanos que analisou, é uma proposta humanista e com ela os pós-modernos teriam algo a aprender.

Outro ponto em comum entre Mbembe e Appiah nos parece ser a rejeição ao binarismo. Se um, como vimos, não vê oposição entre o pensamento pós-colonial e o pensamento europeu, o outro crê que “para quem postula uma escolha ou-ou entre a África e Ocidente, não há lugar no mundo real da política, e seu lar deve ser o mundo extraterreno, o retiro monástico”. (APPIAH, 1997, p. 213)

Retomando Stuart Hall, é a contradição que leva o estudioso a argumentar que convivendo com a desintegração das identidades nacionais e em situação de oposição ao hibridismo, “as identidades nacionais ou outras identidades 'locais' ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização”. (HALL, 2015: 40)

Os austríacos - praticamente vizinhos dos londrinos que elegeram Sadiq Kahn, ainda poderão, quase simultaneamente, eleger Norbert Hofer para presidir a República. O político prioriza no seu programa de governo a proteção de fronteiras e chama os imigrantes de “invasores”

Donald Tump, se eleito, promete, dentre outras propostas descabidas, separar fisicamente seu país dos vizinhos (e também “invasores”) mexicanos.

6

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall seleciona cinco aspectos que compõem a narrativa da nação enquanto “comunidade imaginada”, expressão originalmente desenvolvida por Benedict Anderson.

A quinta e última das particularidades dessas narrativas identitárias é a que poderia, da maneira como vemos, explicar melhor situações como as das parcelas populacionais da Áustria e dos Estados Unidos que se vêm ameaçadas. O que elas querem proteger, estimuladas por Hofer e Donald Trump seriam “os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história” (HALL, 2015: 32).

Já o Brexit, que resultou na saída do Reino Unido da União Europeia, poderia ser entendido a partir de uma interpretação de conceitos formulados por Ferdinand Tönnies (1855/1936). O sociólogo alemão desenvolveu propostas metodológicas que têm sido retomadas e renovadas por muitos estudiosos, com o objetivo de melhor interpretar a persistente questão da identidade.

Entre os comentaristas recentes de Tönnies, alguns merecem destaque como Pertti Tötö, Alfred Bellebaum, Werner J. Cahnman, Joan Adans e Harry Cohen. No Brasil, o mais importante deles é Orlando Miranda, da USP, que organizou pelo menos dois livros, um deles contendo uma pioneira tradução para o português de Comunidade e Sociedade (Gemeinschaft und Gesellschaft).

Segundo Ferdinand Tönnies (1995), a dialética da identidade seria o motor da história; e a própria luta de classes, em última análise, é uma de suas expressões empíricas em fase específica do capitalismo.

Alguns conceitos do sociólogo, independentemente dos seus prognósticos doutrinários, são bastante sugestivos. Estamos nos referindo aos “tipos” societários Comunidade (Gemeinschaft) e Sociedade (Gesellschaft) e a Teoria das Vontades Humanas, mais especificamente as formas *Wesenwille* e *Kürwille*.

Na comunidade, um dos dois “tipos” do primeiro par dialético formulado por Tönnies, a relevância está nas relações humanas, nos sentimentos, na afetividade, na subjetividade. A forma de unidade é orgânica e as decisões se dão por consenso.

Em oposição à comunidade, Tönnies situa o “tipo” sociedade: neste modelo é a objetividade que motiva e justifica a convivência; a forma de unidade é mecânica e as decisões são regidas por contratos (leis, convenções, regulamentos).

7

Se na comunidade as vontades humanas tendem a ser condicionadas pela *Wesenwille* – o pensamento contido na vontade –, na sociedade os atos humanos tendem a se encaixar na forma *Kürwille* – a vontade contida no pensamento.

Na modalidade *Wesenwille*, as vontades que determinam os atos incluem a memória afetiva, consideram organicamente o passado comum e levam em conta os interesses do sujeito na perspectiva dos outros.

No formato *Kürwille*, ao contrário, são exclusivamente os interesses pessoais que orientam as decisões tendo em vista um resultado a ser alcançado no futuro. O processo é racional e sua finalidade é individualizada, diz respeito ao progresso e bem estar daquele sujeito e não as do seu grupo social.

O conflito presente tanto nos dois tipos societários, como nas duas expressões de vontade, pode ajudar a entender a decisão que os britânicos tomaram no dia 24 de junho de 2016.

A Inglaterra, a Escócia, o País de Gales e a Irlanda do Norte são comunidades. Os quatro países se encaixam nos cinco aspectos que compõem a narrativa da nação enquanto “comunidade imaginada”. Seus habitantes mantêm fortes vínculos afetivos, seja no interior de cada nação, seja como integrantes do Reino Unido.

A União Europeia poderia ser classificada não como uma comunidade, mas como uma sociedade: é resultado de uma construção, de uma junção de interesses preponderantemente econômicos e com relações regidas por contratos.

Essas razões prevaleceram sobre aquelas dos britânicos que defendiam a permanência na União Europeia, basicamente apoiados em argumentos objetivos como, por exemplo, o de que a saída deixaria um rombo nas contas públicas de 30 bilhões de libras (quase R\$ 150 bilhões), que teria de ser coberto com medidas como aumentos de impostos, cortes na saúde, educação e defesa, e anos de políticas de austeridade.

Não ocasionalmente, os resultados do referendo indicaram uma clara divisão por faixa etária: os mais jovens, naturalmente orientados pelo futuro, optaram pela permanência, os velhos, naturalmente sensíveis à tradição, claramente se posicionaram a favor da saída. É o que se vê na Tabela 1, a seguir, elaborada pela empresa You Trend e publicada no jornal *El País*.

8

Age Group	Median Age	Remain	Leave	Life Expectancy	Average number of years they have to live with the decision
18-24	21	64%	24%	90	69
25-49	37	45%	39%	89	52
50-64	57	35%	49%	88	31
65+	73	33%	58%	89	16

Polling Data = YouGov. 1652 people. 17-19th June 2016
 Life Expectancy based on ONS pension planner life expectancy estimator
 Average 65+ year old was estimated to be 73 using ONS age distribution data
 Those who were undecided or wouldn't say have been excluded

Those who must live with result of the EU referendum the longest want to remain.

A convivência de personagens políticos tão díspares; o continente africano tentando encontrar uma saída que pode ser a da diluição do sentimento de nacionalidade; o pós-moderno (conceito não tão claro) reforçando e sendo reforçado pelo o pós-colonial; o sonho de uma comunidade mestiça e universal; um novo sentido para a antiga ideia de humanismo; rejeição ao primarismo bipolar.

Em um mundo do século XXI encontrando seu caminho nos cabe a pesquisa, a reflexão e, finalmente, a discussão.

Referências

APPIAH, Anthony Hwame. **Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AZEVEDO, Amailton Magno. Qual África ensinar no Brasil. **Revista da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo** (Cessou em 1981), 2016. Tendências e Perspectivas.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Traduzido por Tomas Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.^[1]_{SEP}

MBEMBE, Achile. **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Tradução por Narrativa. Luanda/Angola: edições Mulemba da Faculdade de Ciências Sociais Agostinho Neto. 2014.

9

MORAIS, Orlando. Ensaaios sobre a identidade e a invenção do indivíduo. São Paulo: Terceira Margem. 2001

TÖNNIES, Ferdinand. Comunidade e sociedade, texto integrante do livro Para ler Ferdinand Tönnies. Organização e tradução de Orlando Miranda. São Paulo: Edusp. 1995.